

Entrevista com **Roberto Novaes** (CRP 05/6904), psicólogo, psicoterapeuta e professor do Departamento de Psicologia da UFF.

1) A psicoterapia se caracteriza por ter uma grande diversidade de práticas e linhas teóricas. Como definir o que é psicoterapia? O que há de comum entre todas elas?

É muito difícil definir a psicoterapia. Há vários textos e autores que já trataram dessa questão. Essa discussão toda que está ocorrendo sobre o Ano da Psicoterapia é justamente em torno do que seria a definição da psicoterapia.

Em termos de uma aproximação, não propriamente uma definição, acho que a especificidade da psicoterapia diz respeito a uma questão de sentido. Acho que ela não se reduz a uma mera aplicação técnica de uma teoria científica. Ela é uma práxis que tem certa autonomia e que se alimenta de vários saberes. Certamente, o saber teórico científico da Psicologia é uma dessas fontes importantes da psicoterapia, mas acho que não é a única.

A psicoterapia se diferencia basicamente porque trabalha com uma questão de sentido, não uma questão de intervenção a partir de uma visão de determinação de causas a partir da qual se faz uma intervenção, que é a noção mais usual de técnica. No caso da psicoterapia, o que se tem é uma reflexão, uma investigação sobre o sentido da vida, o sentido da existência. Mas isso não é uma definição, é uma delimitação bastante geral de um campo.

2) Como se dá essa prática da psicoterapia atualmente no Brasil? Quem a exerce?

Essa é outra questão que está em discussão, não posso dar uma resposta unívoca a essa questão. Certamente, entre os profissionais que poderiam pleitear esse lugar, o psicólogo é aquele com uma formação mais apropriada, voltada especificamente para questões que envolvem a psicoterapia. Mas vemos que os médicos, psiquiatras, historicamente e na prática hoje, são profissionais que tiveram e têm um papel importante nesse campo. E outros profissionais da área de saúde, filósofos etc. também reivindicam um espaço nesse campo. Mas acho que em termos disciplinares, seria muito difícil de delimitar esse profissional. Acho que seria importante apontarmos para o tipo de formação que cada um tem e o que seria necessário, em termos dessa formação, para que esse profissional pudesse exercer essa profissão.

3) Como se dá essa formação hoje? Como se forma um psicoterapeuta atualmente?

Além da formação teórica, especificamente no campo da Psicologia, entendo que é muito importante também a formação de um pensamento crítico, através de estudos interdisciplinares, de outros campos das ciências humanas e sociais, como filosofia, história, antropologia e sociologia, além de outros campos de conhecimento, como arte, literatura e ideias religiosas. Todos esses conhecimentos são importantes para o exercício da clínica, para a formação de uma visão multiculturalista, para que o profissional seja capaz de lidar com diferenças.

É essencial também o exercício supervisionado da clínica e, em alguns casos, a própria experiência da clínica enquanto cliente. Então, esse aspecto da formação e de uma

experiência razoável e bem orientada, bem supervisionada, do exercício clínico é indispensável.

4) Há diferenças entre a prática psicoterápica por psicólogos e outros profissionais?

Acredito que sim. No caso da formação do psicólogo, já existe uma tradição de anos em que essa ela é pensada especificamente para essa prática. Há outras práticas do psicólogo, mas essa, tradicionalmente, é uma das práticas mais visadas quando as pessoas procuram a Psicologia. Então, já existe na formação do psicólogo uma reflexão, uma atenção voltada para esses elementos há muitos anos.

No caso de outras profissões, isso nem sempre se dá dessa maneira. Às vezes, o profissional é obrigado a buscar formações complementares. Então, há realmente essa diferença. Acho que essas outras profissões que pleiteiam a possibilidade da psicoterapia no rol de suas atividades têm que atentar para essa questão da formação. Acho que o importante dessa discussão (do Ano da Psicoterapia) é isso: a partir do momento em que se estabeleçam alguns parâmetros mínimos para essa formação, seria possível clarear mais essa discussão sobre que tipo de profissional tem ferramentas e formação adequada para exercer a psicoterapia.

5) Então, em sua opinião, a psicoterapia não precisaria ser exclusiva do psicólogo, desde que outros profissionais tivessem a formação adequada?

Sim, entendo dessa maneira. O importante não é delimitar a uma categoria. Aí, corre-se o risco de a discussão ficar num corporativismo. O importante é delimitar um campo específico da psicoterapia e procurar entender qual é a formação adequada e quem tem essa formação.

6) Como você vê a questão da regulamentação da psicoterapia?

Não sei se é importante regulamentar. Acho que é importante pensar, a categoria discutir, tentar delimitar minimamente esse campo. Mas em relação à regulamentação, não tenho uma posição afirmada *a priori*. Acho que o importante é que a categoria, de maneira ampla, faça essa discussão da forma mais aprofundada possível. Acho que a partir daí é que vai ser possível ter mais clareza sobre a necessidade ou não de uma regulamentação. De qualquer maneira, acho que as regulamentações são sempre, ou deveriam ser, uma orientação, uma delimitação inicial, mas há uma dinâmica histórica em que essas regulamentações têm sempre que ser revistas, que ser adequadas. Qualquer prática profissional e qualquer saber estão sempre historicamente em transformação. Não vejo possibilidade de uma regulamentação que vá resolver todos os problemas, mas apenas como uma demarcação inicial, sempre provisória, sempre aberta a essas transformações do campo.

7) Como se dá a produção científica sobre psicoterapia atualmente?

Essa questão da produção científica tem uma série de variáveis, no campo das políticas de produção científica, das políticas acadêmicas. Na universidade, essa questão da produção é muito discutida hoje em dia e, geralmente, os padrões de produção científica seguem um critério, um padrão, que tem origem nas ciências naturais. Então, o campo

das ciências humanas e sociais em geral tem tido certa dificuldade de se adequar a esses padrões porque são saberes de naturezas diferenciadas.

Existe uma política de produtividade hoje em dia, no meio acadêmico, que pressiona o pesquisador a um ritmo de produção que, às vezes, não corresponde à natureza desse saber. Acabamos sendo obrigados a um ritmo de produção que faz com que sua qualidade seja inferior ao que poderia ser. Então, existem problemas com relação à produção de saber que transcendem o campo específico da Psicologia, que dizem respeito a essas políticas acadêmicas.

Mas acho que muita coisa importante tem sido produzida. É um campo que tem tido uma diversidade muito grande e acho que já há um material, uma tradição de diálogo dentro da Psicologia, que é bastante considerável e que fornece subsídios para que essa reflexão tenha uma densidade, uma profundidade bastante considerável.

8) Enquanto psicoterapeuta, quais são suas expectativas para o Ano da Psicoterapia?

Minha expectativa é bastante positiva. Acho que é uma discussão importante para a categoria. Espero que os profissionais sejam sensíveis à importância desse problema, que consigam levar a discussão para além de uma discussão meramente corporativista, de defesa de um campo de trabalho sem uma reflexão mais aprofundada sobre a que serve a psicoterapia, quais os benefícios que pode trazer socialmente, coletivamente. Então, que seja uma discussão feita numa perspectiva ampla, que considere sim os interesses das diversas categorias, mas que essa consideração desses interesses esteja subordinada a um campo maior de análise, da natureza da psicoterapia, das diferenças específicas dessa atividade e dessa inserção social mais ampla. Acho que, a partir de subordinação das questões corporativas a esse campo de reflexão maior, aí sim podemos ter uma discussão, uma reflexão produtiva e importante.